



Escola de Comunicação e Artes

Curso de Licenciatura em Jornalismo

PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM JORNAL AMBIENTAL

Candidato: Maiquel Levis Sidalino Marojo

Supervisor: Msc. Ernesto Nhatsumbo

Maputo, Outubro de 2025

Escola de Comunicação e Artes
Curso de Licenciatura em Jornalismo

PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM JORNAL AMBIENTAL

Projecto Experimental apresentado no Curso de Licenciatura em Jornalismo na Escola de Comunicação e Artes, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Jornalismo.

Candidato: Maiquel Levis Sidalino Marajo

Supervisor: Msc. Ernesto Nhatsumbo

Maputo, Outubro de 2025

Escola de Comunicação e Artes
Curso de Licenciatura em Jornalismo

PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM JORNAL AMBIENTAL

Projecto Experimental apresentado no Curso de Licenciatura em Jornalismo na escola de Comunicação e Artes, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Jornalismo.

Nome: Maiquel Levis Sidalino Marajo

JÚRI

Presidente: Lic. Amaral Esterio Carvalho
Escola de Comunicação e Artes

Supervisor: Msc. Ernesto Nhatsumbo
Escola de Comunicação e Artes

Oponente: Lic. Orlando Nhabetse
Escola de Comunicação e Artes

Maputo, Outubro de 2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva da vida e por todas as oportunidades que me foram concedidas. Sem a Sua orientação e protecção, nada teria sido possível.

Expresso a minha mais profunda gratidão ao Msc. Ernesto Nhatsumbo, meu orientador, pela paciência, apoio e confiança depositada ao longo deste percurso. Agradeço-lhe, em especial, por me ter concedido a oportunidade de desenvolver este Jornal Ambiental, pela dedicação com que acompanhou cada etapa do trabalho e pelas valiosas orientações que contribuíram para o meu amadurecimento académico e profissional.

Aos meus avós Ema e Basílio Marajo, que com o seu amor incondicional e sabedoria foi o meu porto seguro durante estes quatro anos de estudo. As suas palavras de incentivo e a sua presença constante foram um verdadeiro alicerce nesta caminhada.

À tia Marta, pela generosidade de abrir as portas da sua casa e cuidar de mim com tanto carinho ao longo deste tempo. À avó Helena, pelo seu apoio e encorajamento permanentes. Ao meu pai e amigo, pela força e pelas palavras de ânimo que sempre me inspiraram a não desistir e a seguir em frente. À minha mãe e a toda a família, pela compreensão, afecto e apoio incondicional que tornaram possível a concretização deste sonho.

Aos meus estimados colegas de curso, e em especial ao grupo de estudo “**Elite**”, deixo o meu sincero reconhecimento pela partilha de conhecimentos, pela camaradagem e pelo espírito de entreajuda que tornaram esta jornada académica uma experiência verdadeiramente enriquecedora.

Por fim, estendo o meu agradecimento a todas as pessoas que, de forma directa ou indirecta, contribuíram para a realização deste projecto. O vosso apoio, incentivo e confiança foram essenciais para alcançar este resultado. Que este trabalho represente, ainda que modestamente, uma expressão de gratidão por todo o amor, dedicação e força que recebi ao longo desta caminhada.

O jornalismo ambiental deve ir além da denúncia e da cobertura de eventos. A sua função é contribuir para a construção de uma consciência crítica, capaz de provocar mudanças na relação da sociedade com o meio ambiente."

— *Wilson da Costa Bueno, 2007*

Dedico este trabalho às minhas avós Ema e Helena!

RESUMO

O presente projecto experimental tem como propósito a concepção e produção do jornal ambiental *EcoMoz*, desenvolvido como exercício prático de aplicação dos conhecimentos teóricos e técnicos adquiridos ao longo da formação em Jornalismo. Este trabalho pretende demonstrar a capacidade do autor em transformar fundamentos conceptuais e metodológicos em práticas concretas de produção jornalística, resultando num produto final que alia qualidade informativa, rigor editorial e pertinência social.

O *EcoMoz* é um jornal impresso de periodicidade mensal, criado com a finalidade de abordar de forma sistemática e aprofundada as problemáticas ambientais em Moçambique. A sua elaboração parte da constatação de que a imprensa nacional tende a tratar estas matérias de modo pontual e reactivo, concentrando-se sobretudo em desastres naturais, sem atender às causas estruturais nem às implicações de longo prazo. Assim, o jornal procura preencher esta lacuna, oferecendo um espaço de reflexão e de debate público sobre o meio ambiente e a sustentabilidade.

Para além de constituir uma proposta de comunicação especializada, o *EcoMoz* assume-se como um instrumento de educação e consciencialização social, estimulando a participação cidadã e o compromisso com a preservação ambiental. Este projecto traduz, portanto, a articulação entre teoria e prática jornalística, procurando contribuir para o fortalecimento do jornalismo ambiental em Moçambique e para a promoção de uma cultura de responsabilidade ecológica no seio da sociedade.

Palavras-chave: Projecto experimental; Jornal Ambiental; Comunicação; Sustentabilidade; Imprensa Escrita; Educação Ambiental.

ABSTRACT

This experimental project focuses on the conception and production of the environmental newspaper *EcoMoz*, developed as a practical exercise for the application of theoretical and technical knowledge acquired during the Journalism degree. The work aims to demonstrate the author's ability to translate conceptual and methodological foundations into practical journalistic production, resulting in a final product that combines informational quality, editorial rigour, and social relevance.

EcoMoz is a printed monthly newspaper designed to address environmental issues in Mozambique in a systematic and in-depth manner. Its creation arises from the observation that national media tend to approach environmental matters sporadically and reactively, concentrating mainly on natural disasters while neglecting structural causes and long-term implications. Thus, the newspaper seeks to fill this gap by providing a platform for reflection and public debate on environmental and sustainability concerns.

Beyond its function as a specialised communication proposal, *EcoMoz* also serves as an instrument for education and social awareness, encouraging civic participation and a collective commitment to environmental preservation. The project represents the intersection between journalistic theory and practice, contributing to the strengthening of environmental journalism in Mozambique and to the promotion of a culture of ecological responsibility within society.

Keywords: Experimental Project; Environmental Journalism; Communication; Sustainability; Print Media; Environmental Education.

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Orçamento do Projecto para Recursos Humanos..... | 32 |
| Tabela 2 -Custos Fixos Mensais | 33 |
| Tabela 3 - Custos Variáveis (Por Edição) | 33 |
| Tabela 4 - Investimentos em Equipamentos (Anual)..... | 34 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Paleta de Cores do Jornal EcoMoz | 38 |
|---|----|

SIGLAS E ABREVIATURAS

CMYK – CYAN, MAGENTA, YELLOW, KEY

RGB - RED, GREEN, BLUE

AJADH – ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS AMBIENTAIS E DE DIREITOS
HUMANOS

ODS - OBJECTIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1.1 | PROBLEMÁTICA | 13 |
| 1.2 | JUSTIFICATIVA..... | 15 |
| 1.3 | OBJECTIVOS..... | 16 |
| 1.3.1 | <i>Objectivo Geral</i> | 16 |
| 1.3.2 | <i>Objectivos Específicos</i> | 16 |
| 2 | QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL | 17 |
| 2.1 | MEIO AMBIENTE | 17 |
| 2.2 | JORNALISMO..... | 17 |
| 2.3 | JORNALISMO AMBIENTAL | 18 |
| 2.3.1 | <i>As funções do Jornalismo Ambiental</i> | 19 |
| 2.4 | O JORNALISMO AMBIENTAL EM MOÇAMBIQUE: LIMITAÇÕES E DESAFIOS | 20 |
| 2.5 | O CONCEITO DE JORNAL..... | 21 |
| 2.5.1 | <i>Característica e elementos de composição do jornal impresso</i> | 22 |
| 3 | METODOLOGIA..... | 23 |
| 3.1 | ABORDAGEM DA PESQUISA | 23 |
| 3.2 | QUANTO À NATUREZA..... | 23 |
| 3.3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: FASES DE PRODUÇÃO DO JORNAL ECOMOZ 24 | |
| 3.3.1 | <i>Fase de Pré-produção</i> | 24 |
| 3.3.2 | <i>Fase de Produção</i> | 24 |
| 3.3.3 | <i>Fase de Pós-produção</i> | 25 |
| 3.4 | RESULTADOS DA EXPERIMENTAÇÃO | 25 |
| 4 | DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO | 26 |
| 4.1 | APRESENTAÇÃO DO PROJECTO: ECOMOZ..... | 26 |
| 4.2 | VISÃO DO PROJECTO..... | 26 |
| 4.3 | MISSÃO DO PROJECTO | 27 |
| 4.4 | JUSTIFICAÇÃO DO PROJECTO | 27 |
| 4.5 | PÚBLICO-ALVO | 27 |
| 4.6 | RESULTADOS ESPERADOS..... | 28 |

| | | |
|----------|--|-----------|
| 4.7 | DIRECTRIZES EDITORIAIS | 29 |
| 4.8 | SUSTENTABILIDADE DO PROJECTO | 31 |
| 4.9 | ORÇAMENTO PARA O PROJECTO | 32 |
| 4.9.1 | <i>Recursos Humanos</i> | 32 |
| 4.9.2 | <i>Recursos Materiais e Logísticos</i> | 33 |
| 5 | PROJECTO GRÁFICO DO JORNAL | 35 |
| 5.1 | DEFINIÇÃO DO OBJECTIVO DO DESIGN | 35 |
| 5.2 | RASCUNHOS E ESBOÇOS | 35 |
| 5.3 | DEFINIÇÃO DA IDENTIDADE VISUAL | 37 |
| 5.3.1 | <i>Paleta de Cores</i> | 37 |
| 5.4 | TIPOGRAFIA NO JORNAL ECO MOZ | 38 |
| 5.5 | ESTRUTURA DA PÁGINA E GRELHA EDITORIAL | 39 |
| 5.6 | IMAGENS, ELEMENTOS GRÁFICOS E FUNÇÃO VISUAL NA COMPOSIÇÃO DO JORNAL ECO MOZ | 40 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 42 |
| 7 | REFERÊNCIAS | 44 |
| | APÊNDICES | 46 |
| | APÊNDICE A - PRIMEIRA PÁGINA DO JORNAL ECO MOZ | 46 |
| | APÊNDICE B - SEGUNDA E TERCEIRA PÁGINA DO JORNAL ECO MOZ | 47 |
| | APÊNDICE C - QUARTA E QUINTA PÁGINA DO JORNAL ECO MOZ | 47 |
| | APÊNDICE D - SEXTA E SÉTIMA PÁGINA DO JORNAL ECO MOZ | 48 |
| | APÊNDICE E - OITAVA PÁGINA DO JORNAL ECO MOZ | 49 |

1 INTRODUÇÃO

A crise ambiental contemporânea, marcada pela degradação dos ecossistemas e pelo agravamento das alterações climáticas, constitui um dos maiores desafios globais do século XXI. Para Beck (2011, p. 19), vivemos numa “sociedade de risco”, em que as acções humanas provocam consequências que ultrapassam fronteiras geográficas e temporais, exigindo uma nova forma de compreender o desenvolvimento e a sustentabilidade. Nesse contexto, a comunicação social desempenha um papel fundamental na formação da consciência pública sobre as questões ambientais e na mobilização para práticas sustentáveis (Bueno, 2007, p. 34).

O jornalismo, enquanto mediador entre o conhecimento científico e a sociedade, é responsável por tornar acessíveis as informações que ajudam o público a compreender os fenómenos ambientais (Girardi; Loose; Neuls, 2009, p. 95). Todavia, em Moçambique, a cobertura jornalística dedicada ao meio ambiente permanece escassa, dispersa e predominantemente reactiva. As matérias publicadas centram-se, em regra, em acontecimentos de carácter pontual, como desastres naturais, negligenciando a análise das suas causas estruturais e dos impactos prolongados (Nhampoca, 2019, p. 53).

De acordo com Bueno (2007, p. 33), o jornalismo ambiental deve ultrapassar a mera função informativa, assumindo também uma função “pedagógica e política”, orientada para a construção da cidadania ecológica. Tal perspectiva reforça a ideia de que a imprensa não deve limitar-se a relatar factos, mas deve contribuir para o debate e para a formação de valores ambientais. Assim, torna-se essencial repensar o papel do jornalismo na sociedade moçambicana, transformando-o num instrumento de educação e sensibilização pública.

É neste enquadramento que se insere o presente projecto experimental, intitulado “Proposta de Criação de um Jornal Ambiental – EcoMoz”, elaborado como parte do processo de conclusão do curso de Licenciatura em Jornalismo. O trabalho resulta da necessidade de associar o conhecimento teórico à prática profissional, demonstrando, de forma concreta, como o jornalismo pode ser aplicado à promoção da consciência ambiental (Demo, 2000, p. 22).

De natureza experimental e aplicada, este projecto visa demonstrar a viabilidade de um jornal impresso especializado em ambiente. A metodologia adoptada articula fundamentos teóricos, técnicos e práticos, permitindo transformar o conhecimento académico em acção concreta, tal como defende Demo (2000, p. 22) ao afirmar que “o conhecimento só se completa quando se transforma em prática transformadora”. Deste modo, o *EcoMoz* não se limita a

propor um conceito editorial, mas materializa um produto comunicativo tangível, baseado em critérios jornalísticos, estéticos e pedagógicos.

Para Girardi, Loose e Neuls (2009, p. 97), o jornalismo ambiental actua como mediador entre o conhecimento científico e o cidadão, traduzindo linguagens complexas em informação acessível e socialmente relevante. Este princípio norteia o *EcoMoz*, que se propõe a tornar a informação ambiental compreensível e atractiva para diversos públicos, promovendo o debate sobre as problemáticas ecológicas e as soluções possíveis no contexto moçambicano.

1.1 Problemática

A cobertura jornalística das questões ambientais em Moçambique continua a ser escassa, irregular e, na maioria dos casos, superficial. De acordo com Nhampoca (2019, p. 53), os temas relacionados com o ambiente representam apenas uma pequena fracção das matérias publicadas nos principais jornais nacionais. Em Jornais como o *Notícias*, *O País* e o *Domingo*, as referências ao ambiente surgem de forma esporádica, quase sempre associadas a catástrofes naturais, como cheias, ciclones ou períodos de seca. Esta abordagem revela um jornalismo essencialmente reactivo, que privilegia o acontecimento imediato e carece de continuidade e de investigação aprofundada.

O jornal *Canal de Moçambique*, conhecido pela sua linha editorial crítica, publica ocasionalmente artigos sobre mineração, poluição e conflitos de terra, mas geralmente em secções de economia ou política, sem um tratamento especializado. De igual modo, o *Savana* dedica espaço pontual às questões ambientais, sobretudo quando estas se relacionam com políticas públicas ou exploração de recursos naturais. Segundo Bueno (2007, p. 35), a ausência de rubricas regulares sobre o ambiente nos meios de comunicação traduz a “fragilidade institucional da cobertura ambiental e a inexistência de uma cultura editorial voltada para a sustentabilidade”.

A escassez de jornalistas especializados agrava esta situação. Muitos profissionais carecem de formação específica em jornalismo ambiental, o que limita a capacidade de interpretação e contextualização das informações científicas. Girardi, Loose e Neuls (2009, p. 98) salientam que “a cobertura ambiental requer domínio técnico, sensibilidade social e capacidade de traduzir o discurso científico em linguagem acessível”, competências que nem sempre estão presentes nas redacções moçambicanas. Em consequência, observa-se uma dependência de fontes governamentais e de agências internacionais, o que restringe a diversidade de perspectivas.

A lógica produtivista das redacções, marcada pela pressão do tempo e pela procura de notícias rápidas, também contribui para o enfraquecimento da cobertura ambiental. Langa (2021, p. 45) observa que a comunicação social moçambicana “privilegia temas de política e economia imediata, relegando para segundo plano as matérias ambientais, por as considerar de interesse limitado ou pouco rentáveis”. Tal postura é visível no *Notícias*, jornal de referência nacional, onde os conteúdos ambientais surgem maioritariamente em secções marginais ou em suplementos ocasionais, sem continuidade editorial.

Do ponto de vista institucional, verifica-se igualmente a inexistência de uma estratégia nacional de comunicação ambiental articulada com os media. Segundo Nhampoca (2019, p. 56), “as iniciativas existentes dependem de projectos temporários, geralmente financiados por organizações internacionais, sem integração nas rotinas das redacções”. Essa falta de estrutura reflecte-se na fragmentação e no carácter episódico da informação ambiental publicada, o que dificulta o desenvolvimento de uma literacia ecológica consistente.

Como observa Bueno (2007, p. 38), o jornalismo ambiental deve desempenhar um papel educativo, “promovendo o conhecimento, a reflexão crítica e a acção transformadora dos cidadãos”. Contudo, a imprensa moçambicana ainda não tem conseguido cumprir integralmente essa função social. A maioria dos jornais continua a tratar o ambiente como um tema secundário, dependente da actualidade e desprovido de análise. Essa ausência de compromisso contínuo impede que o jornalismo actue como mediador entre ciência, sociedade e políticas públicas.

Para Bourdieu (1997, p. 68), “os meios de comunicação definem o que é socialmente visível e o que permanece invisível”. Assim, a falta de uma imprensa ambiental estruturada significa também a exclusão do debate ecológico do espaço público moçambicano. Este vazio informativo deixa a população menos consciente das causas e consequências da degradação ambiental, dificultando a participação cidadã nas decisões que afectam o território e os recursos naturais.

Diante deste cenário, a proposta de criação do jornal *EcoMoz* surge como uma resposta prática e experimental à ausência de uma imprensa especializada em ambiente. O projecto parte da hipótese de que um jornal impresso dedicado exclusivamente à temática ambiental poderá colmatar a lacuna existente, promovendo uma cobertura sistemática, educativa e crítica das questões ecológicas. Essa abordagem concretiza a concepção de Demo (2000, p. 22), segundo o qual “o conhecimento deve converter-se em prática transformadora”, o que, neste caso, se traduz na criação efectiva de um produto jornalístico orientado para a educação e sensibilização ambiental.

Assim, o problema central que sustenta o presente estudo pode ser formulado nos seguintes termos:

De que modo a criação de um jornal impresso especializado em ambiente poderá contribuir para colmatar a limitada cobertura jornalística das questões ambientais em

Moçambique, reforçando a consciencialização pública e o debate social sobre a sustentabilidade?

Esta questão constitui o eixo orientador do trabalho e justifica a realização do projecto experimental *EcoMoz*, concebido como exercício de aplicação prática das técnicas jornalísticas, gráficas e editoriais ao serviço da comunicação ambiental.

1.2 Justificativa

A cobertura das questões ambientais em Moçambique apresenta lacunas significativas, caracterizando-se por uma perspectiva holística e episódica. Os meios de comunicação social tendem a centrar-se em eventos de grande impacto, como desastres naturais, descurando análises que abordem as causas estruturais e as soluções possíveis.

A proposta de criação de um jornal ambiental impresso visa colmatar esta lacuna, disponibilizando um espaço dedicado ao tratamento contínuo e aprofundado das questões ecológicas. Este projecto procura fortalecer a informação ambiental e promover a discussão de políticas e práticas que contribuam para a sustentabilidade em Moçambique.

Do ponto de vista científico, a iniciativa contribuirá para o desenvolvimento do jornalismo ambiental como campo de estudo e prática em Moçambique. O projecto permitirá explorar metodologias e estratégias de comunicação adequadas à realidade local, ampliando a produção de conhecimento nesta área.

A criação do jornal ambiental também reforça o diálogo interdisciplinar entre as ciências sociais e ambientais, integrando conhecimentos que favorecem a compreensão das relações entre a sociedade e o meio ambiente. Este projecto enquadra-se, assim, nos esforços para alcançar os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), ao mesmo tempo que reforça a capacidade da ciência em compreender e enfrentar os desafios ambientais contemporâneos.

1.3 Objectivos

1.3.1 Objectivo Geral

- Criar e desenvolver o jornal ambiental *EcoMoz* com o objectivo de produzir um meio de comunicação especializado na abordagem das questões ambientais.

1.3.2 Objectivos Específicos

- Diagnosticar as principais limitações da cobertura ambiental na imprensa moçambicana;
- Planear a linha editorial, as secções temáticas e os critérios de produção do jornal *EcoMoz*;
- Produzir e editar conteúdos jornalísticos originais sobre questões ambientais, aplicando técnicas de reportagem, entrevista e redacção informativa;
- Desenvolver o projecto gráfico e a identidade visual do jornal, assegurando coerência estética e funcional;
- Definir estratégias de distribuição e sustentabilidade económica adequadas à realidade moçambicana.

2 QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL

2.1 Meio ambiente

O conceito de meio ambiente é amplo e multifacetado, sendo objecto de reflexão em diversas áreas do conhecimento. De acordo com ART (1998, apud Dulley, 2004, p. 18), o ambiente é definido como "o conjunto de condições que envolvem e sustentam os seres vivos na biosfera, abrangendo elementos do clima, solo, água e organismos". Por sua vez, o meio ambiente é descrito como "a soma total das condições externas circundantes no interior das quais um organismo, uma comunidade ou um objeto existe, podendo os organismos ser parte do ambiente de outros organismos". (ART, 1998 apud Dulley, 2004, p. 18).

Gliessman (2000, apud Dulley, 2004, p. 26) acrescenta que o meio ambiente pode ser entendido como "a soma de todas as forças e factores externos, tanto bióticos quanto abióticos, que afectam o crescimento, a estrutura e a reprodução de um organismo".

Segundo Tostes (1994), o meio ambiente pode ser compreendido como "toda relação, uma multiplicidade de relações". Para o autor, o meio ambiente não é estático, mas constitui-se de interações entre os elementos naturais e as dinâmicas sociais. Tostes afirma que "os seres e as coisas, isoladas, não formariam meio ambiente, porque não se relacionariam".

Desta forma, o meio ambiente pode ser definido como um sistema integrado e dinâmico que conecta elementos naturais, sociais e culturais.

2.2 Jornalismo

Segundo Orwell (apud Monjane, 2023, p. 19) define jornalismo como "publicar aquilo que alguém não quer que se publique. Todo o resto é publicidade". Por outro lado, Coelho et al. (2015, apud Monjane, 2023, p. 19) propõem uma definição mais ampla e funcional, que descreve o jornalismo como "a actividade profissional que visa colectar, investigar, analisar e transmitir periodicamente ao grande público, ou a segmentos dele, informações da actualidade, utilizando veículos de comunicação (jornal, revista, rádio, televisão etc.) para difundi-las".

A definição proposta por Coelho et al. (2015) alinha-se com os objectivos do jornalismo ambiental, que busca informar e sensibilizar o público sobre questões relacionadas à sustentabilidade e à preservação do meio ambiente.

No contexto deste trabalho, a concepção abrangente apresentada por Coelho et al. (2015, apud Monjane, 2023) é mais adequada, uma vez que permite incorporar os princípios

da periodicidade, abrangência e responsabilidade social, que são essenciais ao desenvolvimento do jornalismo ambiental.

2.3 Jornalismo ambiental

O jornalismo ambiental constitui-se como uma especialização dentro do campo jornalístico, dedicada à cobertura de questões relacionadas ao meio ambiente, considerando perspectivas científicas, sociais, económicas, políticas, culturais e éticas. Este ramo surge como uma resposta à necessidade de informar e consciencializar o público acerca dos desafios ecológicos contemporâneos, bem como de promover o debate em torno de práticas e políticas sustentáveis (Bueno, 2007, p. 31). Segundo Bueno, "o jornalismo ambiental caracteriza-se tanto pelas matérias e cadernos publicados na imprensa de informação geral quanto pelos veículos especializados no tema".

Girardi et al. (2009, p. 95) defendem que o jornalismo ambiental pode ser considerado uma ramificação do jornalismo científico, na medida em que se debruça sobre uma área específica da ciência: o meio ambiente. A principal missão deste campo é a popularização da ciência ambiental, traduzindo termos técnicos e conceitos complexos, de forma a torná-los acessíveis ao público geral. De acordo com os autores, grande parte da terminologia utilizada na área ambiental é de difícil acesso para o cidadão comum, sendo papel do jornalista "decifrar nomes técnicos e utilizar analogias para facilitar a compreensão dos acontecimentos".

Gelós (2008) considera o jornalismo ambiental como a mais ampla das especializações jornalísticas, em virtude da sua abordagem multidisciplinar. O autor sublinha que este campo integra elementos de diversas editorias, como política, economia, ciência e cultura, o que frequentemente dificulta o seu enquadramento em categorias tradicionais nos meios de comunicação. Esta característica multidisciplinar, ainda que enriquecedora, apresenta desafios à prática jornalística, nomeadamente no que se refere à selecção de fontes e à abordagem sistémica dos temas tratados.

De acordo com Bueno (2007a, p. 38), a cobertura ambiental nos meios de comunicação enfrenta o problema da fragmentação, muitas vezes reduzida ao que o autor designa por "Síndrome da Baleia Encalhada". Este termo refere-se à prática de dar destaque a tragédias ambientais de grande impacto, sem investigar as suas causas ou apresentar análises aprofundadas. Bueno observa que esta perspectiva, centrada na espectacularização, "valoriza acidentes isolados e negligencia a complexidade dos fenómenos ambientais", contribuindo para uma percepção pública superficial sobre os problemas ecológicos.

Para superar esta limitação, Geraque (2004, p. 80) argumenta que o jornalista ambiental deve "mergulhar no assunto", adoptando uma abordagem ampla que integre dimensões ecológicas, sociais e históricas. Bueno (2007, p. 41) corrobora com esta perspectiva, recomendando que a cobertura ambiental seja conduzida "com uma lente grande angular", evitando o estreitamento do foco e buscar uma análise integrada dos problemas ecológicos.

Um dos principais desafios epistemológicos do jornalismo ambiental reside no equilíbrio entre a necessidade de uma abordagem holística e a estrutura fragmentada que caracteriza a produção jornalística. Bueno (2007, p. 29) afirma que este campo "está em construção, situando-se além dos limites tradicionais do jornalismo científico, económico e cultural". O autor enfatiza ainda que a função social do jornalismo ambiental é estar "politicamente, social e culturalmente engajado com a causa do desenvolvimento sustentável e com a melhoria da qualidade de vida das pessoas".

Neste contexto, o jornalismo ambiental não se limita à descrição dos fenómenos, mas busca promover um debate crítico sobre as suas causas e soluções.

2.3.1 As funções do Jornalismo Ambiental

Segundo Bueno (2007, p. 35), é possível identificar três funções fundamentais do jornalismo ambiental: a informativa, a pedagógica e a política.

A **função informativa** consiste na disseminação de informações que permitam ao público compreender os problemas ambientais que o rodeiam. Bueno (2007, p. 35) refere que esta função aborda temas como poluição, efeito estufa, destruição da biodiversidade e os impactos das práticas de consumo.

A **função pedagógica** centra-se na explicação das causas dos problemas ambientais e na apresentação de possíveis soluções. Bueno (2007, p. 35) enfatiza que o jornalista deve traduzir conceitos complexos em conteúdos claros, para ajudar o público a perceber os desafios ambientais e as formas de actuação.

A **função política** está relacionada com a análise crítica das acções humanas que comprometem a integridade ambiental. Bueno (2007, p. 36) observa que esta função requer uma vigilância sobre as práticas de governos e empresas que priorizam interesses económicos em detrimento da conservação ambiental.

2.4 O Jornalismo Ambiental em Moçambique: Limitações e Desafios

O jornalismo ambiental em Moçambique enfrenta desafios estruturais, editoriais e sociais que restringem a sua capacidade de sensibilizar o público para questões ambientais. Este cenário revela-se preocupante num país onde os fenómenos climáticos extremos, como os ciclones Iдай e Kenneth, têm impactos devastadores, associados à degradação de ecossistemas costeiros e florestais.

De acordo com Farranguane (2015, p. 8), a cobertura ambiental no *Jornal Notícias*, o principal diário moçambicano, é caracterizada pela superficialidade e pela forte dependência de fontes institucionais. Segundo o autor, 69% das notícias analisadas recorrem exclusivamente a fontes oficiais, o que reduz a diversidade de perspetivas e limita a profundidade analítica. Além disso, a abordagem centrada em eventos pontuais, como desastres naturais, negligencia a exploração das causas estruturais e possíveis soluções para os problemas ambientais.

Nhampoca (2019, p. 53) reforça este pensamento, assinalando que os temas ambientais representam menos de 7% das publicações nos principais jornais de Moçambique. A cobertura fragmentada que resulta desta baixa representatividade compromete a análise sistémica e impede uma visão de longo prazo sobre as questões ambientais. Bueno (2007, p. 38) refere-se a esta prática como a "Síndrome da Baleia Encalhada", para descrever a tendência de os media concentrarem a atenção em tragédias momentâneas, ignorando os seus contextos e origens.

Outro problema é a concentração da imprensa nas áreas urbanas, particularmente em Maputo, o que limita o acesso à informação por parte de comunidades rurais. Farranguane (2015, p. 9) aponta que 72% dos jornais moçambicanos estão sediados na capital, o que dificulta a distribuição de conteúdos para outras regiões. Por outro lado, o uso exclusivo da língua portuguesa como veículo de comunicação representa uma barreira adicional para comunidades que não dominam este idioma, agravando desigualdades no acesso à informação (INE, 2012).

A formação insuficiente dos jornalistas constitui outro obstáculo significativo. Langa (2021, p. 45) observa que os meios de comunicação social têm potencial para influenciar transformações comportamentais e políticas, mas tal exige jornalistas preparados para abordar questões ambientais de forma rigorosa e compreensível. Contudo, a falta de capacitação técnica e pedagógica dificulta a tradução de conceitos científicos para uma linguagem acessível ao público geral, limitando a função educativa do jornalismo ambiental.

A criação da Associação de Jornalistas Ambientais e de Direitos Humanos (AJADH), em 2014, representa um passo importante no fortalecimento do jornalismo ambiental em Moçambique. Esta organização tem trabalhado na formação de jornalistas e na promoção de abordagens mais críticas e abrangentes. Porém, de acordo com o relatório da AJADH (2020), a falta de financiamento constitui um dos maiores entraves à expansão das suas actividades.

Apesar destes desafios, o jornalismo ambiental em Moçambique tem o potencial de desempenhar um papel transformador. Bueno (2007, p. 41) argumenta que é necessário adoptar uma abordagem sistémica, que não só reconheça as diversas dimensões dos problemas ambientais, mas também examine as suas causas e consequências de forma integrada. Tal abordagem é particularmente relevante num país como Moçambique, onde as questões ambientais estão intimamente ligadas às condições socioeconómicas da população.

A diversificação das plataformas mediáticas e a introdução de conteúdos em línguas locais surgem como estratégias essenciais para superar algumas das limitações actuais.

2.5 O Conceito de Jornal

O jornal representa um dos meios de comunicação mais influentes, cumprindo a função de mediar a informação entre os acontecimentos do mundo e a sociedade. De acordo com Damasceno (2013), o jornal deve ser entendido como "um objecto gráfico e industrial que combina comunicação visual e verbal", onde elementos textuais e visuais são organizados de forma a comunicar com eficácia e atrair o interesse dos leitores.

Para Sousa (2005), o conceito de jornal passou por quatro revoluções gráficas ao longo do tempo, reflectindo mudanças profundas na apresentação e consumo do conteúdo. Estas transformações consolidaram o design gráfico como uma componente essencial no jornalismo, sublinhando a importância da relação entre forma e conteúdo na transmissão da informação.

Segundo Zappaterra (2007), o design editorial pode ser descrito como "jornalismo visual", pois integra texto e imagem como partes inseparáveis na criação de um discurso informativo. Para Garcia (1987), a excelência no design das páginas de um jornal resulta da harmonia entre elementos como tipografia, fotografias e infográficos, que trabalham conjuntamente para oferecer uma experiência visual coesa e enriquecedora ao leitor.

Frost (2003 apud Damasceno, 2013) reforça a ideia de que o jornal deve adaptar-se às necessidades e expectativas do seu público. Através de um design atento ao perfil dos leitores,

o jornal consegue estabelecer uma conexão mais efectiva entre a informação e os seus destinatários.

Para Mouillaud (2002 apud Damasceno, 2013), a identidade visual de um jornal é um elemento crucial que ultrapassa a simples estética. A escolha de cores, tipografia e disposição gráfica transmite valores e orienta o posicionamento editorial da publicação no mercado. Assim, o design do jornal não é apenas funcional, mas também comunicativo, reflectindo a missão e os objectivos da publicação.

Por conseguinte, o jornal deve ser compreendido como um produto multifacetado, que integra componentes gráficos e textuais para cumprir a sua função de informar, educar e promover o debate público. Segundo Damasceno (2013), esta combinação entre texto e imagem traduz-se numa experiência informativa que é simultaneamente prática e cultural, moldando a percepção dos leitores e contribuindo para a construção da opinião pública.

2.5.1 Característica e elementos de composição do jornal impresso

As características gerais do jornal impresso vão além da sua apresentação física. Segundo Brito (2011 apud Filgueiras 2017), devemos considerar a periodicidade, a filosofia de criação e também as seguintes partes:

- Cabeçalho e rodapé – marcas localizadas no topo e no final das páginas, com a função de numerar páginas, indicar a data, o número da edição e incluir a logomarca do jornal;
- Vinheta – pequenos títulos acima do título principal da matéria, destacando o tema tratado no texto;
- Títulos – subdivididos em intertítulos (quebra de texto para organizar secções), antetítulos (chapéus) e subtítulos (linhas finas);
- Texto – parte fundamental do jornal, podendo assumir diferentes formatos jornalísticos, como editoriais, colunas e perfís;
- Foto – informação visual que ilustra ou complementa o texto, devendo sempre ser acompanhada por uma legenda;
- Arte – imagens criadas para complementar as informações, podendo incluir gráficos, ilustrações ou charges;
- Box – espaço graficamente delimitado para adicionar informações extras ao texto principal;
- Fio – elemento gráfico usado para separar assuntos ou secções;
- Anúncio – espaço destinado à publicidade em veículos de comunicação

3 METODOLOGIA

O presente projecto enquadra-se no domínio da investigação experimental e aplicada, tendo como objectivo conceber, desenvolver e criar um jornal impresso especializado em temáticas ambientais, designado *EcoMoz*. Pretende-se, deste modo, demonstrar, na prática, a articulação entre o conhecimento teórico adquirido ao longo da formação e a sua aplicação efectiva num produto jornalístico real.

Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 26), a investigação aplicada “procura gerar conhecimento orientado para a resolução de um problema concreto”. Nesta perspectiva, o projecto assume um carácter duplo: teórico, pela revisão e enquadramento conceptual sobre o jornalismo ambiental, e prático, pela concretização do jornal *EcoMoz* enquanto produto experimental.

De acordo com Demo (2000, p. 22), “a investigação aplicada representa o conhecimento que se converte em acção”, isto é, em resultados observáveis. É precisamente esse princípio que sustenta a componente prática do presente trabalho: transformar a teoria jornalística em exercício experimental de criação editorial.

3.1 Abordagem da Pesquisa

A investigação desenvolveu-se segundo uma abordagem qualitativa e exploratória, centrada na compreensão dos processos de produção jornalística e na experiência directa do autor enquanto criador do produto.

A abordagem qualitativa, conforme Minayo (2010, p. 21), “trabalha com o universo dos significados, valores e atitudes”, permitindo captar a profundidade dos fenómenos humanos e comunicacionais. No mesmo sentido, Gil (2010, p. 27) observa que o carácter exploratório das investigações permite “aprofundar ideias e clarificar conceitos”, sendo particularmente adequado em contextos ainda pouco estudados, como o do jornalismo ambiental moçambicano.

3.2 Quanto à Natureza

O presente trabalho tem natureza aplicada e configura-se como um projecto experimental. Segundo Vergara (2011, p. 47), o estudo aplicado procura “gerar conhecimentos com utilidade imediata, orientados para a resolução de problemas específicos”.

Por seu turno, Marconi e Lakatos (2003, p. 188) definem a investigação experimental como “aquela em que o investigador actua directamente sobre o objecto de estudo, observando os efeitos das acções praticadas”.

Assim, o carácter experimental deste projecto reside na criação prática do jornal *EcoMoz*, elaborado integralmente pelo autor, a partir da aplicação de princípios de jornalismo, design editorial e comunicação ambiental.

3.3 Procedimentos Metodológicos: Fases de Produção do Jornal EcoMoz

Os procedimentos metodológicos do projecto foram organizados com base nas três fases clássicas da produção de conteúdos: pré-produção, produção e pós-produção. De acordo com Zettl (2011 apud Tinga, 2019, p. 7–8), independentemente de se trabalhar em equipa ou individualmente, todo o processo de produção conduz inevitavelmente a uma ou mais destas fases.

3.3.1 Fase de Pré-produção

A fase de pré-produção correspondeu ao momento de planeamento e organização do projecto editorial. Nesta etapa foram desenvolvidas as seguintes actividades:

- Definição do tema central e do foco ambiental do jornal *EcoMoz*;
- Delimitação da linha editorial, missão, objectivos e público-alvo;
- Estruturação das secções editoriais e selecção dos géneros jornalísticos;
- Elaboração das pautas jornalísticas;
- Identificação e contacto com fontes;
- Realização de entrevistas exploratórias e questionários;
- Concepção inicial do projecto gráfico editorial;
- Elaboração do cronograma das actividades.

3.3.2 Fase de Produção

A fase de produção correspondeu à execução prática do jornal, momento em que os objectivos definidos na pré-produção foram materializados. As principais actividades realizadas incluíram:

- Realização das entrevistas com actores ligados às questões ambientais;
- Recolha de informações e dados relevantes;
- Produção de conteúdos jornalísticos (reportagens, entrevistas e notícias);
- Redacção e organização dos textos de acordo com as normas jornalísticas;

- Produção e selecção de imagens;
- Desenvolvimento contínuo da diagramação das páginas.

3.3.3 Fase de Pós-produção

A fase de pós-produção correspondeu ao momento de finalização, avaliação e aperfeiçoamento do produto jornalístico. Nesta etapa foram realizadas as seguintes actividades:

- Revisão editorial e linguística dos textos;
- Selecção final de imagens e elementos gráficos;
- Ajustes gráficos e refinamento da diagramação;
- Paginação final do jornal, utilizando o software Adobe InDesign;
- Composição de uma edição-piloto de oito páginas;

Segundo Zettl (2011 apud Tinga, 2019, p. 8), a pós-produção é a fase em que o produto ganha forma definitiva, resultando na construção do objecto final de comunicação.

3.4 Resultados da experimentação

O resultado do processo experimental foi a produção integral de um protótipo do jornal EcoMoz, com conteúdos originais elaborados pelo autor, constituindo-se como um produto jornalístico completo, pronto a ser impresso.

4 DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO

4.1 Apresentação do Projecto: EcoMoz

O presente projecto constitui uma resposta à necessidade premente de uma comunicação ambiental especializada em Moçambique, num contexto em que os desafios ambientais, como as alterações climáticas, a desflorestação e a degradação dos recursos naturais, têm impactos directos na qualidade de vida da população. Apesar da relevância intrínseca a estas questões, o jornalismo ambiental no país permanece marginal, caracterizando-se por limitações em profundidade, continuidade e uma abordagem sistémica às problemáticas ambientais (Nhampoca, 2019).

Neste enquadramento, o projecto propõe-se criação de um jornal ambiental denominado EcoMoz. com um foco particular na consciencialização e na mobilização social. Inspirado nas funções do jornalismo ambiental descritas por Bueno (2007), o EcoMoz aspira não apenas a informar, mas também a educar e a inspirar a sociedade moçambicana a adoptar comportamentos sustentáveis e a engajar-se activamente na protecção ambiental.

O nome EcoMoz reflecte a essência e os objectivos centrais do projecto. “Eco” remete para o foco na ecologia e no meio ambiente, enquanto “Moz” simboliza o compromisso com Moçambique e com a realidade ambiental específica do país.

Com uma periodicidade mensal na sua versão impressa e actualizações regulares no formato digital, o EcoMoz visa alcançar um público diversificado, incluindo comunidades urbanas e rurais, estudantes, académicos, decisores políticos, organizações não-governamentais e empresas. O projecto pretende, assim, não só colmatar as lacunas existentes na comunicação ambiental em Moçambique, mas também criar uma plataforma de diálogo que fomenta o envolvimento activo da sociedade na construção de um futuro sustentável.

O EcoMoz procura, em última instância, contribuir para o fortalecimento do jornalismo ambiental no país, consolidando-se como uma fonte de informação rigorosa, confiável e relevante.

4.2 Visão do Projecto

O EcoMoz procura afirmar-se como a principal referência em jornalismo ambiental em Moçambique. A iniciativa pretende promover uma cidadania consciente e participativa, capaz de contribuir de forma efectiva para a sustentabilidade ambiental e para a mitigação dos impactos das alterações climáticas. O projecto busca inspirar indivíduos, comunidades e instituições a desempenharem um papel activo na protecção dos recursos naturais.

4.3 Missão do Projecto

A missão do EcoMoz consiste em produzir e disseminar conteúdos informativos e educativos sobre as questões ambientais que afectam Moçambique. O projecto promove a educação, a consciencialização e o envolvimento social, orientando-se para soluções práticas e inovadoras que respondam aos desafios ecológicos. Com base nas funções do jornalismo ambiental e orientado por valores de inclusão, sustentabilidade e rigor científico, o EcoMoz fortalece a literacia ambiental e transforma a sociedade rumo a um futuro sustentável.

4.4 Justificação do Projecto

O projecto EcoMoz surge da necessidade de melhorar a comunicação ambiental em Moçambique, num contexto onde desafios como a desflorestação, a degradação dos solos, os eventos climáticos extremos e a perda de biodiversidade afectam a população e comprometem o desenvolvimento do país.

O jornalismo ambiental em Moçambique apresenta limitações em termos de profundidade e continuidade, dificultando o entendimento e a abordagem eficaz das questões ambientais. As coberturas, frequentemente pontuais e insuficientes, não conseguem gerar o envolvimento social e político necessário para enfrentar os problemas ambientais. Além disso, não existem plataformas dedicadas à educação e mobilização das comunidades em torno destas temáticas, o que contribui para a falta de consciencialização sobre a importância da sustentabilidade.

O EcoMoz apresenta-se como uma solução para responder a estas lacunas. Através de conteúdos informativos e de análise, o projecto propõe a utilização de formatos híbridos, combinando edições impressas e digitais.

O EcoMoz pretende fortalecer o jornalismo ambiental em Moçambique, oferecendo uma base sólida para a disseminação de informação e para a adopção de práticas sustentáveis, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais consciente e preparada para lidar com os desafios ambientais.

4.5 Público-Alvo

O EcoMoz dirige-se a diferentes segmentos da sociedade moçambicana, com destaque para os grupos que desempenham papéis essenciais na consciencialização, na acção ambiental e na formulação de políticas públicas. O público-alvo é constituído por:

1. Estudantes e Académicos: Inclui jovens em formação e investigadores que necessitam de informação sobre questões ambientais para apoiar os seus estudos, trabalhos académicos e actividades científicas.
2. Comunidades Urbanas e Rurais: Populações afectadas pelos impactos das alterações climáticas e da degradação ambiental, mas que carecem de acesso a informação adaptada às suas necessidades e contexto local.
3. Decisores Políticos e Governamentais: Responsáveis pela formulação de políticas públicas e estratégias de governação que requerem dados e análises para fundamentar as suas decisões.
4. Organizações Não-Governamentais e Associações Locais: Entidades que actuam em projectos de desenvolvimento sustentável, preservação ambiental e educação das comunidades, com necessidade de informação relevante e actualizada.
5. Sector Empresarial: Empresas que buscam implementar práticas sustentáveis e compreender os impactos ambientais associados às suas actividades económicas.

4.6 Resultados Esperados

A implementação do EcoMoz prevê alcançar resultados que reflectem os seus objectivos estratégicos e o impacto almejado. Entre os principais resultados esperados destacam-se:

1. Fortalecimento do Jornalismo Ambiental em Moçambique: Criação de uma plataforma de referência para a produção e disseminação de conteúdos especializados, com foco em análises e sustentadas sobre os desafios ambientais do país.
2. Aumento da Consciencialização Ambiental: Elevação do nível de conhecimento da sociedade sobre questões ambientais, com impacto directo na adopção de comportamentos mais responsáveis e na promoção de práticas sustentáveis.
3. Apoio à Tomada de Decisão: Fornecimento de informação relevante e sistematizada que contribua para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes e alinhadas às realidades locais.
4. Promoção do Debate Público: Estímulo à participação de diversos actores sociais na discussão de problemáticas ambientais, incentivando o envolvimento da sociedade na construção de soluções colectivas.

5. Reforço da Literacia Ambiental: Desenvolvimento de conteúdos educativos dirigidos a diferentes públicos, com o objectivo de aumentar a capacidade de compreensão e análise das questões relacionadas com a sustentabilidade.
6. Impacto nas Políticas e Práticas Sustentáveis: Influência directa na formulação de políticas e na adopção de práticas empresariais e comunitárias alinhadas com a preservação ambiental e o uso responsável dos recursos naturais.
7. Acesso Ampliado à Informação Ambiental: Expansão do alcance geográfico e social do projecto, garantindo que tanto as áreas urbanas como as rurais tenham acesso a conteúdos informativos relevantes e acessíveis.

4.7 Directrizes editoriais

O EcoMoz estrutura-se em diferentes secções editoriais, definidas para abordar as múltiplas dimensões das questões ambientais, garantindo uma cobertura abrangente, sistemática e acessível. Estas secções foram concebidas com o objectivo de assegurar que os diversos aspectos das problemáticas ambientais sejam tratados de forma aprofundada e adaptada às realidades moçambicanas.

A primeira secção, Notícias Ambientais, concentra-se na divulgação de acontecimentos recentes relacionados com o meio ambiente, tanto a nível nacional como internacional. Esta secção aborda eventos significativos, decisões políticas, iniciativas comunitárias e impactos de desastres naturais.

A secção Alterações Climáticas e Energia dedica-se ao estudo dos impactos das mudanças climáticas em Moçambique e no mundo, com particular atenção para as questões de mitigação e adaptação às novas realidades climáticas. Além disso, esta secção explora o desenvolvimento e a implementação de soluções relacionadas com energias renováveis, eficiência energética e redução das emissões de carbono, analisando também as implicações de políticas climáticas locais e globais.

Na secção Biodiversidade e Conservação, são tratadas as problemáticas associadas à preservação dos recursos naturais de Moçambique, incluindo a protecção da fauna, da flora e dos ecossistemas. O objectivo é destacar iniciativas e estratégias de conservação, reforçando a importância da preservação da biodiversidade para o desenvolvimento sustentável.

A secção Comunidades e Ambiente analisa a relação entre as comunidades e o meio ambiente, examinando o impacto das problemáticas ambientais sobre os meios de subsistência, a segurança alimentar e a saúde pública. Aborda também temas como agricultura sustentável, gestão de recursos hídricos e práticas comunitárias que promovem a protecção do ambiente.

A Educação e Literacia Ambiental constitui outra secção do jornal, sendo orientada para a promoção do conhecimento e da sensibilização ambiental junto de estudantes, professores e comunidades em geral. O conteúdo desta secção inclui explicações de conceitos ambientais, divulgação de boas práticas e desenvolvimento de materiais educativos destinados a reforçar a literacia ambiental e a capacitação das populações para a adopção de práticas sustentáveis.

A secção Sustentabilidade e Inovação foca-se na identificação e análise de soluções práticas e tecnológicas que promovem a sustentabilidade ambiental. Nesta secção, são apresentados casos de sucesso relacionados com a implementação de tecnologias limpas, práticas empresariais responsáveis e estratégias inovadoras no âmbito da gestão de recursos naturais.

Em Políticas e Legislação Ambiental, são examinadas as políticas públicas e a legislação aplicável à gestão ambiental em Moçambique e no contexto internacional. Esta secção analisa o impacto das políticas ambientais na governança dos recursos naturais, na adaptação às mudanças climáticas e na implementação de compromissos internacionais assumidos pelo país.

A secção Opinião e Debate destina-se à publicação de artigos de opinião, ensaios e análises produzidos por especialistas, académicos, jornalistas e outros actores sociais.

Cultura e Ambiente é uma secção que busca as intersecções entre o património cultural moçambicano e o meio ambiente. Esta área do jornal procura destacar como a arte, as tradições e as expressões culturais podem contribuir para a promoção da consciência ambiental. Adicionalmente, aborda eventos culturais e iniciativas que integram a sustentabilidade ambiental como parte das suas actividades.

Por fim, o EcoMoz incorpora uma Secção Multimédia, voltada exclusivamente para os conteúdos digitais. Esta secção inclui vídeos, infografias, podcasts e galerias de imagens que complementam as matérias publicadas.

4.8 Sustentabilidade do Projecto

A sustentabilidade do projecto EcoMoz baseia-se numa estratégia que assegura a sua viabilidade económica e operacional, respeitando o princípio de disponibilizar gratuitamente as edições impressas e de eliminar quaisquer barreiras financeiras no acesso à informação ambiental.

Uma das principais fontes de financiamento do projecto será o estabelecimento de parcerias institucionais com organizações não-governamentais, entidades académicas, empresas privadas e organismos internacionais que actuem nas áreas da sustentabilidade e do desenvolvimento. Estas parcerias permitirão obter apoio financeiro para a produção e distribuição do jornal, bem como para o desenvolvimento de actividades complementares, como eventos, campanhas educativas e programas de literacia ambiental.

O projecto também procurará financiamento externo através de subsídios e doações provenientes de fundos nacionais e internacionais, com foco em programas voltados para a comunicação ambiental, a educação e a preservação dos recursos naturais. Para alcançar este objectivo, o EcoMoz apresentará propostas detalhadas que evidenciem o impacto social e ambiental das suas actividades, demonstrando a relevância do projecto no contexto moçambicano.

A publicidade será usada como uma fonte complementar de receitas. Contudo, o EcoMoz aceitará apenas anúncios de entidades cujas práticas sejam compatíveis com os princípios de sustentabilidade e conservação ambiental.

Adicionalmente, o EcoMoz planeia desenvolver iniciativas comunitárias que gerem apoios adicionais e contribuam para reforçar a ligação com a sociedade. Estas iniciativas incluirão eventos temáticos, workshops, fóruns de debate e actividades educativas. Estas acções poderão ser financiadas por parceiros estratégicos e doadores, aumentando a capacidade de o projecto atingir os seus objectivos de sensibilização e mobilização social.

A gestão dos recursos será outro pilar fundamental da sustentabilidade do projecto. A optimização dos custos de produção e distribuição das edições impressas, aliada ao uso eficiente de plataformas digitais para a disseminação de conteúdos, permitirá maximizar os resultados com os recursos disponíveis. Além disso, a capacitação contínua da equipa editorial e técnica contribuirá para melhorar a qualidade e a eficiência das actividades do projecto.

A sustentabilidade do EcoMoz dependerá, portanto, de uma combinação de fontes de financiamento diversificadas, de parcerias institucionais, da obtenção de subsídios e do uso eficiente dos recursos, assegurando a continuidade das suas actividades e o alcance dos seus objectivos sem comprometer o princípio da gratuidade das edições impressas.

4.9 Orçamento para o Projecto

O orçamento do projecto foi elaborado para assegurar o funcionamento do jornal ao longo de um ano, tendo em conta todas as necessidades relacionadas com os recursos humanos, os materiais, a logística e as actividades planeadas.

4.9.1 Recursos Humanos

Tabela 1 - Orçamento do Projecto para Recursos Humanos

| Função | Quantidade | Salário Mensal (MZN) | Custo Anual (MZN) |
|---|--|-----------------------------|--------------------------|
| Editor-Chefe | 1 | 60.000 | 720.000 |
| Jornalistas (reportagem e produção de conteúdos) | 5 | 40.000 | 2.400.000 |
| Jornalista (gestor da plataforma digital) | 1 | 40.000 | 480.000 |
| Designer Gráfico | 1 | 35.000 | 420.000 |
| Gestor de Parcerias | 1 | 45.000 | 540.000 |
| Assistente Administrativo | 1 | 30.000 | 360.000 |
| Fotógrafo/Videógrafo | Contratação pontual por edição (15.000 MZN cada) | - | 180.000 |
| Subeditores Freelance | Contratação pontual por edição (10.000 MZN cada) | - | 120.000 |

Fonte: Elaborado pelo autor

Custo Total Anual com Recursos Humanos: 5.220.000 MZN

4.9.2 Recursos Materiais e Logísticos

Para o funcionamento regular do jornal, são necessários recursos materiais e logísticos que garantam a produção, distribuição e manutenção das operações. Estes custos incluem desde a impressão das edições até o aluguer do espaço de trabalho e a manutenção dos equipamentos utilizados.

Custos Fixos Mensais

Tabela 2 -Custos Fixos Mensais

| Categoria | Custo Mensal (MZN) | Custo Anual (MZN) |
|---|-------------------------------|------------------------------|
| Impressão (5.000 exemplares por edição) | 100.000 | 1.200.000 |
| Aluguer do escritório | 50.000 | 600.000 |
| Serviços básicos (electricidade, água, internet) | 20.000 | 240.000 |

Fonte: Elaborado pelo autor

Custos Variáveis (Por Edição)

Tabela 3 - Custos Variáveis (Por Edição)

| Categoria | Custo por Edição (MZN) | Número de Edições | Custo Anual (MZN) |
|---------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------|------------------------------|
| Transporte e distribuição | 15.000 | 12 | 180.000 |
| Manutenção de equipamentos | 10.000 | 12 | 120.000 |

| | | | |
|-------------------------------|--------|----|---------|
| Material de escritório | 10.000 | 12 | 120.000 |
|-------------------------------|--------|----|---------|

Fonte: Elaborado pelo autor

Investimentos em Equipamentos (Anual)

Tabela 4 - Investimentos em Equipamentos (Anual)

| Categoria | Quantidade | Custo Unitário (MZN) | Custo Total (MZN) |
|---|-------------------|-----------------------------|--------------------------|
| Computadores portáteis | 3 | 80.000 | 240.000 |
| Equipamento fotográfico e de vídeo | 2 conjuntos | 150.000 | 300.000 |
| Software de design e edição | Licença anual | 50.000 | 50.000 |

Fonte: Elaborado pelo autor

Custo Total Anual com Recursos Materiais e Logísticos: 3.070.000 MZN

5 PROJECTO GRÁFICO DO JORNAL

O projecto gráfico de um jornal é um elemento fundamental para a sua identidade visual e funcionalidade. Define a organização visual da publicação, estabelecendo um conjunto de normas e diretrizes que garantem coerência e legibilidade ao longo das edições. Segundo Damasceno (2013), o projecto gráfico é "a estrutura organizacional do design editorial, responsável por criar um padrão visual que se mantém constante ao longo das publicações, permitindo ao leitor identificar rapidamente a identidade do jornal".

A diagramação, por sua vez, refere-se à disposição dos elementos gráficos e textuais na página, sendo distinta do projecto gráfico, que define o conceito geral e a identidade visual da publicação Frost (2003 apud Damasceno, 2013). O projecto gráfico de um jornal estabelece critérios fundamentais como o formato, a tipografia, as cores, a estrutura modular e os estilos de paginação.

Esta etapa detalha a concepção do projecto gráfico do EcoMoz, desde a escolha das cores e tipografia até à estruturação do grid, margens, número de colunas e outros aspectos técnicos essenciais para a composição visual do jornal.

5.1 Definição do Objectivo do Design

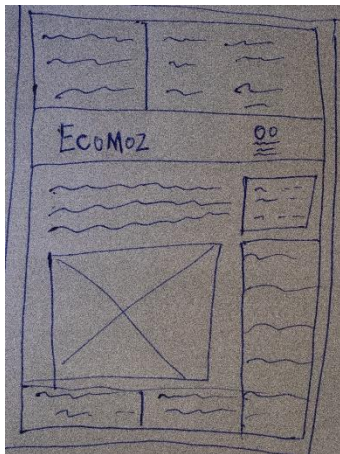
O design do EcoMoz foi pensado para cumprir três funções principais:

- **Facilidade de leitura** – O jornal deve ser visualmente confortável, com espaçamento adequado e tipografia legível.
- **Identidade visual ambiental** – A escolha de cores e elementos gráficos deve reflectir a missão ecológica do jornal.
- **Flexibilidade e organização** – O layout deve permitir diferentes tipos de matérias (curtas, longas, infográficos, fotografias) sem comprometer a estrutura visual.

5.2 Rascunhos e Esboços

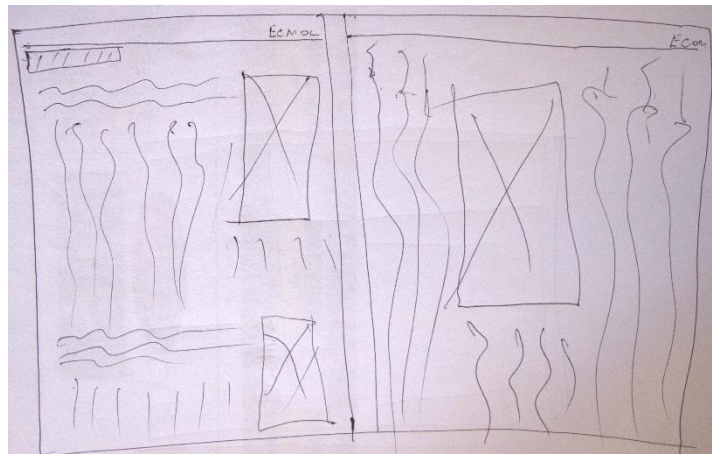
O processo iniciou-se com a criação de wireframes (rascunhos estruturais) em papel, onde foram testadas diferentes distribuições de elementos na página, incluindo a disposição de manchetes, imagens e textos. Estes esboços iniciais permitiram avaliar a melhor organização visual antes da digitalização do layout.

Imagem 1- Rascunho da Primeira Página



Fonte: Elaborado pelo autor

Imagem 2 - Rascunho das Páginas Internas



Após essa fase preliminar, foram desenvolvidos protótipos digitais utilizando o Adobe InDesign, possibilitando uma visualização mais precisa da estrutura da página antes da implementação final. Este processo garantiu maior controle sobre o equilíbrio entre os elementos gráficos e textuais, assegurando coerência e legibilidade ao design do jornal.

O wireframe, segundo Damasceno (2013), é "uma representação simplificada da estrutura de um layout, permitindo visualizar a disposição dos elementos gráficos e textuais sem interferências estéticas". No design editorial, o wireframe é uma ferramenta essencial para organizar visualmente a página, facilitando ajustes estruturais e permitindo a padronização do layout antes da aplicação das cores, tipografia e outros elementos gráficos.

Imagem 4 - Wireframe da Primeira Página



Fonte: Elaborado pelo autor

Imagem 3 - Wireframe da Páginas Internas



5.3 Definição da Identidade Visual

5.3.1 Paleta de Cores

A cor desempenha um papel fundamental na comunicação visual, influenciando não apenas a percepção e a interpretação da mensagem, mas também a resposta emocional dos leitores. Segundo Heller (2013, p. 21), *"as cores não são apenas elementos estéticos, mas possuem significados psicológicos e simbólicos que impactam directamente a forma como as informações são processadas"*. No contexto do design editorial, a selecção cromática deve ser planeada, para garantir coerência com a identidade da publicação e facilitando a legibilidade dos conteúdos.

A cor verde principal (#2E7D32) é a base cromática da publicação. Representa a ligação directa à ecologia, à sustentabilidade e ao discurso ambiental que o jornal assume. A aplicação do verde ocorre em cabeçalhos, separadores, destaques e elementos estruturantes. De acordo com Heller (2013, p. 95), o verde associa-se à esperança e ao equilíbrio, expressando a relação entre o ser humano e o meio ambiente.

O verde secundário (#33B44A) é utilizado como complemento ao verde principal. Surge em áreas de destaque e reforça o dinamismo visual da composição. Este segundo tom permite estabelecer variações dentro da mesma gama cromática, sem quebrar a unidade do projecto gráfico. A alternância entre os dois verdes contribui para a diferenciação interna dos conteúdos, dentro da mesma linguagem visual.

O branco (#FFFFFF) é a cor de fundo da publicação. A sua utilização permite preservar o contraste com os textos, gráficos e imagens. Esta escolha contribui para a legibilidade dos conteúdos e para a organização da página. Heller (2013, p. 123) associa o branco à clareza e à neutralidade, sendo uma escolha recorrente em contextos informativos.

O preto (#000000) é reservado para os textos corridos, títulos e elementos essenciais da composição. A sua aplicação garante a leitura contínua e reforça a presença do conteúdo editorial. Heller (2013, p. 142) identifica o preto como uma cor ligada à seriedade e à credibilidade, valores fundamentais para a imprensa escrita.

O cinza (#757575) é utilizado em elementos secundários, como subtítulos, legendas, notas de rodapé e tabelas. Esta cor permite modular o contraste e articular diferentes blocos de informação. Ainda segundo Heller (2013, p. 142), o cinza actua como elemento de equilíbrio, facilitando a transição visual entre conteúdos e criando pausas na estrutura da página

Quadro 1 - Paleta de Cores do Jornal EcoMoz

| Cor | Código Hexadecimal | RGB | CMYK |
|------------------------------|---------------------------|------------------|----------------------|
| Verde (principal) | #2E7D32 | 46, 125, 50 | 63%, 0%, 60%, 51% |
| Branco | #FFFFFF | 255, 255, 255 | 0%, 0%, 0%, 0% |
| Verde (Secundário) | #33B44A | 51, 180, 74 | 76%, 0%, 100%, 0% |
| Preto | #000000 | 0, 0, 0 | 0%, 0%, 0%, 100% |
| Cinza | #757575 | 117, 117, 117 | 0%, 0%, 0%, 54% |

Fonte: Elaborado pelo autor

5.4 Tipografia no Jornal EcoMoz

No campo do design editorial, a tipografia constitui um elemento estruturante da organização do conteúdo. O uso sistemático de fontes, tamanhos e estilos permite estabelecer relações de prioridade entre os elementos gráficos, facilitando a leitura e a identificação das secções. A tipografia contribui para a eficácia da comunicação ao ordenar o fluxo informativo. Segundo Bringhurst (2013, p. 17), “a tipografia é a arte de dar forma visual à linguagem humana com o intuito de torná-la durável”.

No jornal *EcoMoz*, todas as decisões tipográficas seguem critérios de funcionalidade e coerência gráfica. A fonte seleccionada para o conjunto do projecto é a Bahnschrift, uma fonte sem serifa, com estrutura linear e aplicação versátil. Para o nome do jornal, situado na capa, utiliza-se Bahnschrift Bold, com tamanho 96 pontos.

O número da edição ao lado do nome do jornal, em Bahnschrift Regular, tamanho 33 pontos. Informações complementares como o mês, o ano, o nome do editor, a periodicidade e o endereço do site do jornal são compostas em Bahnschrift Light, com tamanho 9 pontos. Estes elementos integram-se no cabeçalho da capa.

Os nomes das editorias, na primeira página, usam Bahnschrift Semibold, tamanho 12 pontos. Os títulos das chamadas de capa, que antecipam conteúdos internos, seguem em Bahnschrift Bold, com 14 pontos, e a indicação de páginas nas chamadas apresenta-se em Bahnschrift Light, tamanho 10 pontos.

No interior do jornal, os títulos das matérias aparecem em Bahnschrift Bold, com 36 pontos. Os subtítulos usam Bahnschrift Semibold, em 14 pontos, e o texto das notícias é composto em Bahnschrift Regular, com 12 pontos. Estes três níveis tipográficos formam a base da hierarquia editorial. A aplicação consistente destes estilos visa facilitar a navegação textual.

Para os créditos de autoria, utiliza-se Bahnschrift Light, com 12 pontos. As legendas das imagens utilizam a mesma família tipográfica principal, Bahnschrift, aplicada em tamanho 9 pontos, com estilo Semibold.

As páginas internas mantêm uma estrutura de identificação composta por: nome do jornal, número da página e data, sempre em Bahnschrift Semibold, tamanho 10 pontos. Os títulos de secções em caixa, usados para destaques ou colunas fixas, usam Bahnschrift Semibold, com 14 pontos.

De acordo com Ambrose e Harris (2011, p. 25), a tipografia permite “organizar visualmente o conteúdo”, facilitando a compreensão do leitor. No *EcoMoz*, o conjunto das escolhas tipográficas procura assegurar coerência gráfica e leitura funcional, respeitando os princípios informativos e ambientais da publicação.

5.5 Estrutura da Página e Grelha Editorial

A composição das páginas do jornal *EcoMoz* baseia-se, maioritariamente, numa grelha editorial de quatro colunas, aplicada de forma constante em todas as páginas, com excepção da última, que utiliza uma grelha de cinco colunas. Esta grelha define a estrutura base para a organização dos textos, imagens, chamadas e outros elementos gráficos.

As margens mantêm medidas uniformes: 12,7 mm no topo, na base, na margem interna e na externa. O espaço entre colunas, ou *gutter*, tem 4,233 mm. Esta medida assegura uma separação nítida entre blocos de texto, sem provocar dispersão visual. Os conteúdos adaptam-se à grelha de modo a ocupar uma, duas, três ou quatro colunas, conforme a necessidade de cada secção.

A primeira página apresenta uma organização definida por zonas funcionais. No topo, o cabeçalho inclui três chamadas curtas, alinhadas horizontalmente, cada uma distribuída por uma coluna. A seguir, encontra-se um bloco com o nome do jornal, o número da edição, a data, o editor, a periodicidade e o endereço electrónico. Este bloco ocupa a largura total da grelha.

Abaixo deste conjunto, localiza-se a notícia principal, composta por um título em corpo maior, imagem destacada e texto introdutório. Esta notícia ocupa duas colunas centrais. Ao lado, está um box com duas chamadas adicionais, organizadas verticalmente nas colunas da direita.

As secções e editorias são identificadas na faixa superior esquerda. As indicações de página surgem junto às chamadas ou no cabeçalho, permitindo a navegação entre os conteúdos. O jornal recorre de forma deliberada ao uso de espaços em branco — também conhecidos como espaços negativos. Estes espaços não contêm informação textual ou gráfica, mas servem para separar blocos, orientar o olhar do leitor e evitar a saturação da página. Segundo Ambrose e Harris (2011, p. 54), o espaço em branco permite que os elementos gráficos "respirem", tornando a leitura mais clara e directa.

A grelha de quatro colunas, aliada ao uso funcional do espaço e à contenção de elementos gráficos supérfluos, dá ao *EcoMoz* uma estrutura editorial limpa e controlada.

5.6 Imagens, Elementos Gráficos e Função Visual na Composição do Jornal EcoMoz

As imagens exercem um papel informativo e organizador na construção da página editorial. No jornal *EcoMoz*, a sua utilização está directamente relacionada com o conteúdo a que se associam, assumindo funções de ilustração, reforço ou síntese da informação apresentada. A presença das imagens nas páginas respeita a grelha de quatro colunas e segue critérios de equilíbrio entre texto e conteúdo visual.

Na primeira página, a imagem da notícia em destaque ocupa as duas colunas centrais, logo abaixo do cabeçalho e do bloco com a identificação do jornal. Esta imagem principal estabelece uma hierarquia visual clara e conduz o olhar do leitor para o conteúdo mais relevante da edição. Ao lado, no box de chamadas secundárias, outras imagens surgem com dimensões menores, mantendo a proporção visual com o texto e ocupando espaço dentro de uma ou duas colunas, conforme o conteúdo exige.

As páginas internas seguem o mesmo critério de organização. As imagens são distribuídas entre colunas e inseridas de forma ajustada ao bloco textual. A relação entre o espaço ocupado pela imagem e o corpo da matéria varia segundo a natureza do conteúdo. Em casos de entrevistas ou reportagens, a imagem pode ocupar metade da largura da página ou destacar-se em caixa própria. Cada imagem é acompanhada de legenda e crédito, compostos com corpo tipográfico específico, garantindo o enquadramento técnico e autoral da fotografia.

Além das imagens, o *EcoMoz* faz uso de elementos gráficos complementares, como boxes, linhas horizontais, chamadas visuais e ícones de secções. Estes elementos seguem o mesmo rigor da grelha e integram-se à página sem comprometer a ordem estabelecida. A presença de espaços em branco entre os elementos garante separação entre blocos e permite maior legibilidade. Estes espaços não são áreas vazias, mas zonas de organização visual que facilitam a leitura e delimitam as unidades de informação.

A selecção das imagens obedece a critérios de clareza e pertinência. Evitam-se composições genéricas ou decorativas. A imagem é considerada parte integrante do conteúdo, com valor informativo próprio. A relação entre imagem e texto procura manter uma correspondência directa, respeitando o foco editorial da publicação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito principal criar e desenvolver um jornal ambiental impresso, denominado *EcoMoz*, a partir de um projecto experimental. A proposta surgiu da percepção de que a cobertura ambiental na imprensa moçambicana é ainda insuficiente, pouco contínua e, muitas vezes, limitada a acontecimentos pontuais, o que reforçou a necessidade de um meio especializado.

A pergunta que orientou o estudo centrou-se na possibilidade de conceber um jornal ambiental impresso que fosse relevante, viável e adequado à realidade moçambicana. A experiência desenvolvida ao longo do projecto permitiu concluir que essa possibilidade é concreta, desde que o processo seja sustentado por uma planificação editorial clara, uma estrutura organizacional definida e uma gestão adequada dos recursos disponíveis.

O objectivo geral do trabalho foi alcançado com a produção de um protótipo funcional do jornal *EcoMoz*, contendo conteúdos jornalísticos originais, organização editorial definida e identidade visual própria. Este resultado demonstra que o jornal não foi apenas pensado de forma teórica, mas efectivamente construído enquanto produto jornalístico.

No que diz respeito aos objectivos específicos, o estudo permitiu identificar as principais fragilidades da cobertura ambiental em Moçambique, o que orientou a definição da linha editorial e das secções do jornal. A produção de reportagens, entrevistas e outros géneros jornalísticos possibilitou a aplicação prática das técnicas de apuração e redacção, enquanto o desenvolvimento do projecto gráfico assegurou coerência visual e funcional ao jornal. A definição de estratégias de distribuição e sustentabilidade mostrou que o *EcoMoz* pode ser executado dentro de um modelo financeiramente realista.

A opção metodológica por um projecto experimental revelou-se adequada, uma vez que permitiu acompanhar todas as fases do processo de produção do jornal, desde a pré-produção até à pós-produção. Este percurso contribuiu para uma compreensão mais concreta dos desafios da prática jornalística e para o fortalecimento das competências profissionais do autor.

Embora o *EcoMoz* tenha sido desenvolvido no contexto académico, o projecto apresenta potencial para ser implementado como uma iniciativa real de comunicação ambiental, capaz de contribuir para a sensibilização da sociedade, o debate público e a promoção da educação ambiental. Ainda assim, reconhece-se que, por se tratar de um projecto experimental, não foi possível avaliar de forma aprofundada o impacto do jornal junto do público leitor.

Conclui-se, portanto, que o EcoMoz responde de forma satisfatória aos objectivos propostos e à pergunta de partida, demonstrando que a criação de um jornal ambiental impresso, desenvolvido a partir de um projecto experimental, é viável e pertinente no contexto moçambicano, podendo servir de base para iniciativas futuras no campo do jornalismo ambiental.

7 REFERÊNCIAS

1. AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. *Layout: design de páginas para iniciantes*. São Paulo: Gustavo Gili, 2011.
2. BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.
3. Beck, U. (2011). *Sociedade de Risco: Rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34.
4. BRINGHURST, Robert. *Os elementos do estilo tipográfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
5. BUENO, W. C. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Editora UFPR, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007a.
6. BUENO, Wilson da Costa. *Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa*. São Paulo: Majoara, 2007.
7. Damasceno, P. (2013). *Design de Jornais: Um Estudo sobre a Configuração Gráfica em Publicações Impressas*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
8. DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
9. DULLEY, Richard Domingues. Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais. *Agricultura em São Paulo*, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 15-26, jul./dez. 2004.
10. Farranguane, A. J. (2015). *O meio ambiente na imprensa moçambicana: o caso do Jornal Notícias*. Porto Alegre: UFRGS.
11. FILGUEIRAS, Silmara Candinho Alves. *Projeto gráfico jornal “A Sirene” – A construção de um projeto experimental para jornal*. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.
12. GELÓS, Hernán Sorhuet. Periodismo ambiental: eje comunicacional des siglo XXI. In: GIRARDI; Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni (org.). *Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.
13. GERAQUE, Eduardo. Jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) eles perdidos. In: BOAS, Sérgio Vilas. *Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos*. São Paulo: Summus, 2004.
14. GIRARDI, Ilza M. T.; LOOSE, Eloisa; NEULS, Gisele. *Jornalismo ambiental e científico na construção da cidadania*. São Paulo: All Print, 2009.

15. GIRARDI, Ilza. M.T.; LOOSE, Eloisa; NEULS, Gisele. Jornalismo ambiental e científico na construção da cidadania. In: VICTOR, Cilene; CALDAS, Graça; BORTOLIERO, Simone (Org.) Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável. São Paulo: All Print, Editora, 2009. p.94-112.
16. HELLER, Eva. *A Psicologia das Cores: Como as Cores Afetam a Emoção e a Razão*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
17. LANGA, Naércia. Papel da Comunicação Social na promoção da Educação Ambiental em Moçambique: O caso de Estudo do Jornal Notícias de 2018. Maputo, 2021
18. Monjane Júnior, M. F. (2023). *Jornalismo Ambiental: (Ir)regularidade de Publicação de Matérias Ambientais nos Jornais Notícias e O País*. Universidade Eduardo Mondlane.
19. Nhampoca, J. (2019). "Os media e o ambiente: análise de questões ambientais em três jornais de Moçambique". *Revista Meio Ambiente (Brasil)*, 5(5), pp. 49-58.
20. Nhanale, E. C. (2022). *O sistema dos media e a política em Moçambique*. *Revista Líbero*, 50, pp. 37-52.
21. Sousa, J. P. (2005). *As Revoluções Gráficas e a Transformação do Jornalismo Visual*. Lisboa: Livros Horizonte.
22. TINGA, Daniel Orlando. *A Doença do Chamamento*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, Escola de Comunicação e Artes, 2019. Trabalho de Culminação de Curso (Licenciatura em Jornalismo).
23. TOSTES, A. *Sistema de legislação ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes/CECIP, 1994.
24. VERGARA, Sílvia Constant. *Projectos e relatórios de investigação*. Lisboa: Escolar Editora, 2011.
25. Zappaterra, Y. (2007). *Editorial Design: Digital and Print*. Londres: Laurence King.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Primeira Página do Jornal EcoMoz

• POLÍTICAS E LEGISLAÇÃO AMBIENTAL

Pag.08

Moçambique em risco de sanções por incumprimento na exportação de espécies florestais

Moçambique pode ser banido do comércio internacional de algumas espécies florestais em vias de extinção, por incumprimento das normas de exportação impostas pela Convenção Internacional sobre o Comércio de Espécies Ameaçadas (CITES). O alerta foi lançado pela Autoridade Científica da CITES, que aponta falhas na fiscalização e ausência de rastreabilidade das madeiras exportadas, com destaque para o pau-preto.

• SUSTENTABILIDADE & INOVAÇÃO

Estudantes da KaTembe transformam resíduos em engenhos úteis para o dia-a-dia

Pag.06

Num tempo em que as dificuldades económicas limitam o acesso a materiais e tecnologias, um grupo de estudantes da KaTembe, na cidade de Maputo, decidiu não cruzar os braços.

EcoMoz

00

Agosto de 2025
Ano 01
Editor: Maquesi Murojo
Período: Mensal
www.ecmoz.malufsch.com

Ciclones tropicais atingem Moçambique com maior frequência e intensidade

Moçambique tem sido, nos últimos anos, um dos países africanos mais severamente afectados por ciclones tropicais.



Pag.03

• BIODIVERSIDADE & CONSERVAÇÃO

Carvão ecológico revoluciona hábitos e consciência ambiental em Maputo

Pag.04

No distrito de Mucubela, província da Zambézia, a Associação Acodemuso está a promover uma nova forma de relação entre as comunidades e o meio ambiente.

Moçambique prepara Censo Nacional de Elefantes e Grandes Mamíferos

Pag.07

Realizou-se, na Cidade de Maputo, o Seminário de Planificação do Censo Nacional de Elefantes e Grandes Mamíferos.

O EcoMoz é um jornal de distribuição gratuita, comprometido com a sensibilização e educação ambiental. Preserve, Partilhe e Informe-se!

• COMUNIDADES & AMBIENTE

Pag.02

Associação Machaj e Sazol reforçam a luta pelo saneamento em Inhassouro

A Associação Machaj, em parceria com a Sazol, deu mais um passo decisivo na promoção da higiene e saneamento do meio no distrito de Inhassouro, província de Inhambane.



• SUSTENTABILIDADE & INOVAÇÃO

Pag.05

Carvão ecológico revoluciona hábitos e consciência ambiental em Maputo

O uso do carvão ecológico, produzido a partir da reutilização de resíduos sólidos como casca de arroz, amendoim, bagaço de coco, papel e restos de comida, está a mudar a forma como os moradores do distrito da Manhíça, província de Maputo.

Estudantes da KaTembe transformam resíduos em engenhos úteis para o dia-a-dia

Feira de ciência e inovação revela talento dos jovens que utilizam materiais reciclados para criar soluções práticas e sustentáveis

Tocha por Maíquel Marujo

N um tempo em que as dificuldades económicas limitam o acesso a materiais e tecnologias, um grupo de estudantes da KaTembe, na cidade de Maputo, decidiu não cruzar os braços. Em vez disso, transformou resíduos domésticos em pequenos inventos com utilidade prática, mostrando que a criatividade pode superar até o que é descartado fora.

Tudo aconteceu durante uma Feira de Ciência e Inovação, organizada pelas escolas secundárias da capital. O objetivo era simples, mas ambicioso: mostrar que os jovens moçambicanos são capazes de encontrar soluções sustentáveis para os desafios do dia-a-dia.

Entre maquetes, experiências e protótipos, os alunos surpreenderam professores e visitantes. De sistemas de refrigeração feitos com latas, a aspiradores construídos com garrafas, passando por experiências químicas e eléctricas, a feira revelou o talento e a imaginação de uma nova geração empolgada em cuidar do planeta.

"Queríamos provar que é possível aprender e criar ao mesmo tempo, mesmo sem muitos recursos", contou um dos professores



orientadores, com vivacidade argentea. Entre os projectos apresentados, um dos que mais chamou atenção foi o semáforo eléctrico construído por Glair Violas, António Gervásio, Assyrine Cumbire e Alhospala Almeida, estudantes da Escola Secundária da KaTembe.

Com latas metálicas, fios de cobre, resistências, preguiças lampião LED e um pedaço de madeira reaproveitada, o grupo criou um protótipo funcional, capaz de

simular o funcionamento real de um semáforo.

Segundo António Gervásio, a ideia nasceu de uma dúvida durante as aulas de Física.

"Estávamos a estudar circuitos eléctricos e queríamos ver como funcionavam na prática. Então pensamos: e se fizéssemos um semáforo? Assim poderíamos mostrar o que aprendemos, mas de forma visível e divertida", explicou, contou um dos professores

A maquete, para além de despertar curiosidade, tornou-se uma ferramenta de ensino, usada nas aulas de Física.

"Muitos colegas tinham medo de mexer com electricidade, mas agora vêem que é seguro quando se entende como funciona", acrescentou, sorridente.

Os estudantes não se limitaram a apresentar os protótipos. Com o apoio dos professores, criaram pequenos manuais que explicam como montar cada invenção, para que outros colegas possam reproduzir o trabalho e continuar a aprender.

A feira terminou com aplausos e entusiasmo, mas acima de tudo, com o sensoção do que o futuro da inovação em Moçambique está nas mãos de jovens criativos, conscientes e determinados.

"Estes rapazes e raparigas provaram que o conhecimento ganha mais valor quando serve para mudar a realidade à nossa volta", comentou um dos docentes no encerramento do evento.

Mais do que mostrar engenhos, a iniciativa serviu para reforçar a importância da educação ambiental e do reaproveitamento de resíduos.

Jovens reforçam acções de conservação em Sofala

BIOFUND acompanha estágios do Programa de Liderança para a Conservação de Moçambique

A Fundação para a Conservação da Biodiversidade (BIOFUND) realizou, entre os dias 14 e 15 de Junho de 2025, uma missão de monitoria aos centros de estágio do Programa de Liderança para a Conservação de Moçambique (PLCM), na província de Sofala.

A visita teve como objetivo avaliar o desempenho dos estagiários, recolher experiências no terreno e fortalecer a cooperação com as instituições que acol-

hem os jovens. O programa, financiado pela Embaixada da Suécia e implementado pelo BIOFUND desde 2023, visa preparar novas gerações de profissionais dedicados à conservação ambiental.

No total, nove estagiários estão actualmente colocados em cinco instituições parceiras: Associação Moçambicana de Reciclagem (AMOR), ADRA Moçambique, Reserva Nacional de Marompo, Fundo Mundial para a Natureza (WWF) e Nyati Safari - Coutada 14.

Durante a missão, foi possível constatar o envolvimento dos jovens em acções de reflorestamento, sensibilização ambiental, gestão comunitária e apoio técnico. Na ADRA, por exemplo, estagiários ajudam a preparar fitoterápicos e cooperam agricultores em práticas agrícolas sustentáveis, enquanto na AMOR promovem campanhas de limpeza e reciclagem de resíduos sólidos urbanos.

Na Reserva Nacional de Marompo, os estagiários colaboram

em áreas administrativas, planeamento territorial e em projectos de infra-estruturas sustentáveis. Já na WWF, ajudam na redução de riscos de desastres através de soluções baseadas na natureza, com enfoque no Delta do Zambeze.

De acordo com a BIOFUND, a missão confirmou o impacto positivo das actividades desenvolvidas pelos jovens nos comunitários e instituições envolvidas, reforçando o papel da formação.

Moçambique prepara Censo Nacional de Elefantes e Grandes Mamíferos

Iniciativa visa actualizar dados sobre as populações de elefantes e reforçar estratégias de conservação da fauna branca.

Tocha por Maíquel Marujo



Realizou-se, na Cidade de Maputo, o Seminário de Planificação do Censo Nacional de Elefantes e Grandes Mamíferos, encontro híbrido que contou com a participação de 86 delegação, sendo 51 presenciais e 35 virtuais.

O Censo Nacional de Elefantes decorrerá de 20 de Setembro a 30 de Outubro do presente ano, abrangendo todo o território nacional. A actividade será conduzida pelo Centro de Estudos de Agricultura e Gestão de Recursos Naturais (CEAGRE), em parceria com a Base-Air Aviação.

A iniciativa é coordenada pelo Administração Nacional das Áreas de Conservação (ANAC), em colaboração com a Fundação para a Conservação da Biodiversidade (BIOFUND), com o financiamento do Governo da Suécia e apoio de diversas instituições, entre as quais a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN).

Na abertura do seminário, o Director-Geral Adjunto do ANAC, Severiano Khay, destacou a importância do exercício para avaliar o estado actual da população de elefantes e de outros grandes mamíferos.

"Moçambique tem procurado consolidar mecanismos inovadores para a conservação da biodiversidade. Este censo representa uma

"Com um financiamento previsível e estruturado, é possível criar bases sólidas para a conservação. O apoio recebido tem sido essencial para viabilizar acções de grande escala, como a inventariação dos recursos naturais e a capacitação dos técnicos do Sistema Nacional das Áreas de Conservação", referiu.

O plano apresentado prevê a cobertura de 70 a 95 por cento das áreas de ocorrência habitual dos elefantes, totalizando 171.763 quilómetros quadrados.

Entre os principais objectivos do censo constam estimar a abundância e distribuição das populações de elefantes e caçaças, calcular rácios de mortalidade, a partir dos registos de caçaças, documentar espacialmente as zonas de ocorrência da espécie.

De acordo com o CEAGRE, o levantamento permitirá obter dados científicos essenciais para a gestão da população de elefantes, incluindo estimativas de densidade, padrões de deslocamento e taxas de mortalidade.

O censo abrangerá igualmente outras espécies de fauna branca, possibilitando análises sobre interações ecológicas e estratégias integradas de conservação dos ecossistemas.

Durante os trabalhos, foram debatidos aspectos técnicos relacionados com a metodologia de recolha de dados e a segurança operacional. Os participantes sublinharam a importância de assegurar resultados quantitativos robustos, validados pelo Grupo de Especialistas do Elefante Africano do IUCN (AFES/ELFUNDI-SSC).

O exercício deverá gerar um relatório nacional actualizado sobre a situação dos elefantes e grandes mamíferos, documento que servirá de referência para o planeamento de políticas partilhadas e de acções de conservação em Moçambique.

oportunidade de recolher dados fiáveis que orientem políticas eficazes para conservar e promover o uso sustentável da fauna branca", afirmou.

O Coordenador do Programa de Caracterização da Biodiversidade do BIOFUND, Samiro Magane, realçou a relevância do apoio dos parceiros e de doadores internacionais.



Moçambique em risco de sanções por incumprimento na exportação de espécies florestais

Autoridade Científica da CITES alerta para falhas na fiscalização e contrabando de pau-preto

Texto por Maiquel Marojo



Moçambique pode ser banido do comércio internacional de algumas espécies florestais em vias de extinção, por incumprimento das normas de exportação impostas pela Convenção Internacional sobre o Comércio de Espécies Ameaçadas (CITES).

O alerta foi lançado pela Autoridade Científica da CITES, que aponta falhas na fiscalização e ausência de rastreabilidade das madeiras exportadas, com destaque para o pau-preto, espécie de elevado valor comercial no mercado internacional.

Segundo aquele organismo, há proliferação de pau-preto nos mercados estrangeiros sem controlo governamental, o que coloca o País sob risco de sanções comerciais e suspensão de licenças de exportação.

Moçambique é um dos principais detentores mundiais de pau-preto (*Dalbergia melanoxylon*), mas enfrenta graves problemas de contrabando. A madeira é explorada de forma ilegal, em particular nas províncias do Niassa, Cabo Delgado e Nampula, sem reposição nem fiscalização adequada.

O académico Ernesto Witimane Júnior, do Departamento de Floresta da Universidade Eduardo Mondlane, considera que o contrabando exige medidas urgentes para evitar maiores prejuízos.

"A exploração ilegal de pau-preto representa uma perda ambiental e económica. As receitas que deviam entrar nos cofres do Estado são desviadas. É urgente reforçar o con-

trolo e a fiscalização", disse, citado pela Rádio Moçambique.

O assunto foi debatido, esta segunda-feira, em Lichinga, durante um seminário de divulgação do regulamento da CITES, que reuniu técnicos florestais, académicos e representantes de instituições públicas e privadas.

O encontro teve como objectivo reforçar o conhecimento sobre a Convenção e promover a exploração sustentável dos recursos florestais e faunísticos, assegurando a preservação das espécies protegidas.

Os participantes defenderam a necessidade de melhorar os mecanismos de controlo, investir em sistemas de rastreio electrónico e envolver as comunidades locais na vigilância dos recursos naturais.

"A floresta é um património de todos. Se não for cuidada com responsabilidade, poderá deixar de existir", advertiu um técnico presente no encontro.

O pau-preto, conhecido localmente como mpingo, é uma espécie de crescimento lento e de grande valor económico, usada na produção de mobiliário e instrumentos musicais. A sua exploração descontrolada ameaça não apenas a biodiversidade, mas também a imagem de Moçambique no cenário internacional.

As autoridades esperam que o reforço das medidas de fiscalização e a aplicação rigorosa da CITES possam garantir uma exploração sustentável, preservando as florestas e assegurando receitas justas para o País.

Florestas sem fronteiras, responsabilidades sem desculpas

A recente advertência da CITES recorda-nos que Moçambique corre o risco de ser banido do comércio internacional de madeiras preciosas, como o pau-preto, por incumprimento das normas de exportação e fiscalização. Este alerta não é apenas técnico ou burocrático — é moral. Representa o reflexo de um país que permite que o seu património natural seja saqueado, perdendo recursos que deveriam sustentar o seu próprio desenvolvimento. As florestas estão a desaparecer, e com elas esvai-se uma parte da nossa identidade e da nossa soberania ambiental.

O problema da exploração ilegal e do contrabando florestal não é novo, mas o seu agravamento mostra a fragilidade das instituições e a ausência de um verdadeiro compromisso com a sustentabilidade. A floresta moçambicana é um bem comum, e cada árvore abatida sem controlo é uma perda que ultrapassa o valor económico. Como defende Bueno (2007, p. 36), o jornalismo ambiental deve "informar para transformar", convocando a sociedade para a defesa activa do ambiente. Urge, por isso, reforçar a fiscalização, garantir transparência e envolver as comunidades na protecção dos recursos que lhes pertencem por direito.

O EcoMoz acredita que o desenvolvimento sustentável só será possível quando as políticas ambientais forem cumpridas com rigor e quando o país deixar de tolerar a impunidade ambiental. As florestas não são uma fonte inesgotável, mas um legado que temos o dever de preservar. Cumprir as convenções internacionais, aplicar a lei e educar para a responsabilidade ecológica são passos indispensáveis para garantir um futuro onde a riqueza natural de Moçambique continue a ser motivo de orgulho, e não de sanção.

EcoMoz

Propriedade: Maiquel Marojo

Director de Edição: Maiquel Marojo

Director de Fotografia: Maiquel Marojo

Textos: Maiquel Marojo

Tiragem: 500 Exemplares

Telefone: 877458544

Email: info@ecomoz.malutech.co.mz

Web: www.ecomoz.malutech.co.mz